

Os grupos dominantes na sociedade colonial: uma análise dos conceitos *elite* e *nobreza*

ROBERTA GIANNUBILO STUMPF*

*Professora de História
das Faculdades Integradas UPIS/DF.*

Quando iniciamos nossa pesquisa sobre a nobreza colonial, e a das Minas em particular, nos vimos diante de um tema ainda pouco estudado pela historiografia brasileira¹. Em um primeiro momento, fomos levados a crer que o interesse maior nas últimas décadas pelos “excluídos da história” teria contribuído para que as pesquisas historiográficas deixassem de lado os grupos dominantes. No entanto, se a “‘história vista de baixo’ implica que há algo acima a ser relacionado” (SHARPE, 1992: 54) isso significa que, para usar um jargão comum, dominantes e dominados são dois lados de uma mesma moeda. Assim, independentemente das pesquisas abordarem este ou aquele grupo, elas contribuem para esclarecer dimensões de um mesmo tópico: a sociedade na qual ambos estão inseridos. Se o universo dos excluídos não adquire inteligibilidade sem nos referimos à sociedade como um todo e aos padrões societários vigentes, a história dos vencidos nos permite estudar as elites sob um novo ângulo.

Desta forma, se a nobreza não se constituiu ainda em um importante objeto de análise, isto não se deve a um suposto desprezo pela história dos vencedores. Na verdade, as nobrezas coloniais não estão ausentes das pesquisas historiográficas, mas elas aparecem sempre vinculadas ao conceito de *elites*, como se a abrangência desse termo pudesse contemplar a especificidade do conceito de *nobreza*.

Mas o uso do termo *elites* nos traz dificuldades que merecem ser consideradas. Afinal, se compartilharmos da visão tradicional e entendermos que se trata de um grupo que se define “por deter poder político, carisma,